

1. CARTA DO REITOR-MOR

LEVAR O EVANGELHO AOS JOVENS **Estreia 2010** **Centenário da morte do padre Miguel Rua**

PREMISSA: Alguns eventos significativos do segundo semestre de 2009 – **COMENTÁRIO À ESTREIA 2010:** 1. **Introdução: a Estreia e suas motivações.** – 2. **Ser discípulos e apóstolos: a nossa vocação.** – 3. **Missão dos discípulos é escutar o “desejo de ver Jesus”** – 4. **Antes discípulos, depois apóstolos.** – 5. **Para fazer “ver Jesus” aos jovens.** 5.1. Meta da evangelização: encontrar Cristo na Igreja. 5.2. Método da evangelização: caminhar juntos. 5.3. Motivação da evangelização. 5.4. Repensamento da pastoral. 5.5. Processos que devem ser ativados para a mudança. – 6. **Padre Miguel Rua, discípulo e missionário.** 6.1. “Fidelíssimo”. 6.2. Fidelidade fecunda. 6.3. Fidelidade dinâmica. – 7. **Sugestões para a concretização da Estreia.** – 8. **Conclusão:** *Dom Bosco evangelizador, sinal do amor de Deus aos jovens* (Meditação sobre o quadro de Dom Bosco de Sieger Koeder).

Turim-Valdocco, 18 de dezembro de 2009
150º aniversário de Fundação da Congregação Salesiana

Caríssimos Irmãos,

Escrevo-lhes de Valdocco, neste dia 18 de dezembro, data em que celebramos o 150º aniversário de fundação da nossa amada Congregação, data em que elevamos um hino de louvor ao Senhor, que foi magnânimo conosco. Deus abençoou copiosamente o gesto daquele grupo de jovens do Oratório de Valdocco que, reunidos ao redor de Dom Bosco “com a finalidade e no espírito de promover e conservar o espírito de verdadeira caridade que se exigisse na obra dos Oratórios para a juventude abandonada e periclitante”, decidiu “erigir-se em Sociedade ou Congregação” (cf. *MB* VI, p. 335-336). É a celebração conclusiva do jubileu anunciado no ano passado, no qual quisemos renovar a nossa profissão religiosa e fazer nosso o empenho dos nossos jovens pais fundadores: ficar para sempre com Dom Bosco, assumir o seu “sonho”, o seu projeto apostólico, garantir, *Deo volente*, a continui-

dade e o desenvolvimento do seu carisma e da sua missão.

A partir dessa perspectiva, 2009 foi muito enriquecedor e fecundo com muitíssimas iniciativas, ativadas nas Inspetorias, para favorecer a renovação espiritual e pastoral dos irmãos. Um dos elementos que mais serviu neste trabalho foi a redescoberta das Constituições, autêntico “testamento de Dom Bosco, como livro de vida para nós e penhor de esperança para os pequenos e para os pobres” (*Const.* art. 196). Permitam-me, caros irmãos, dizer-lhes novamente que elas devem ser mais conhecidas, amadas, rezadas e vividas.

O ano de 2010 abre-se desde seus inícios com a figura luminosa do padre Rua. Ele soube ser filho, discípulo e sucessor de Dom Bosco. Compartilhou meio a meio, isto é, em plena comunhão, os seus trabalhos e sofrimentos. Configurou-se ao nosso Pai dia após dia e fez florescer e estender-se a Congregação e a Família Salesiana com fidelidade fecunda e dinâmica. Em tudo, ele se pôs diante dos nossos olhos como modelo! Pensando novamente no padre Rua, queremos fazer nossas mais uma vez as orientações oferecidas em minha carta circular anterior. São orientações simples e claras. Verdadeiro programa de vida.

Antes de apresentar-lhes o comentário à Estreia 2010, gostaria de dar-lhes alguma notícia sobre os principais acontecimentos vividos nos últimos meses: desde julho até hoje. Para o conhecimento mais detalhado envio-os à leitura da Crônica do Reitor-Mor e dos Conselheiros, incluídas neste número dos Atos. Ali encontrarão as visitas feitas às diversas Inspetorias e as intervenções realizadas em numerosos encontros e reuniões. Gostaria de acenar aqui aos acontecimentos que me parecem mais relevantes.

Primeiramente, desejo acenar à peregrinação nos passos de S. Paulo, que, com todos os membros do Conselho, fizemos de 27 de junho a 5 de julho. Passamos pelos principais lugares que marcaram a vida do Apóstolo Paulo em seu caminho de encontro com Cristo e no seu incansável itinerário de anúncio do Evangelho: de Tarso, lugar do seu nascimento, a Damasco, Antioquia, Éfeso e Atenas. Foi, conforme nos fora proposto, uma verdadeira experiência espiritual, marcada pela leitura da Palavra de Deus e pela “lectio divina”, animada pelo padre Juan José Bartolomé, e pelas reflexões sobre Paulo evangelizador. Tema que nos levou ao

empenho de evangelização proposto pelo CG26 e que representa o ponto focal da Estreia 2010. A peregrinação também foi ocasião de encontrar as comunidades salesianas que trabalham nesses lugares: Damasco e Alepo na Síria, Istambul na Turquia. Em cada comunidade, a visita do Reitor-Mor e do Conselho foi vivida como momento de fraternidade e festa, também pelos jovens e pela Família Salesiana.

Acontecimento que nos marcou profundamente, verdadeiro golpe no coração, foi a morte do nosso caríssimo irmão padre Antonio Domenech, em 20 de julho, na Casa de Martí Codolar, Barcelona. Não posso deixar de fazer-lhe memória, pois o padre Domenech foi membro do Conselho Geral por 12 anos, prestando o seu serviço à Congregação no Dicastério da Pastoral Juvenil. Foram anos de dedicação total, de trabalho rico de competência e dinamismo. Jamais nos esqueceremos do seu testemunho: o seu amor à vida, a sua fé intensa e o sentido de esperança que marcaram os anos da sua enfermidade. Período de sofrimento, de prova e de graça, que o transfiguram até levá-lo ao encontro definitivo com o Senhor. A ele o nosso reconhecimento e a nossa admiração.

Nos dias 15 de 16 de agosto participei, com a Madre Yvonne Reungoat, do “Confronto Europeu” no Colle Don Bosco, celebrando também o aniversário do nascimento do nosso Fundador e Pai. O evento, com a presença de Irmãos, Filhas de Maria Auxiliadora e animadores de todas as Inspetorias da Europa, foi um encontro no qual pudemos experimentar de novo o quanto o carisma de Dom Bosco é atual e “próximo” dos jovens. Apenas este dado já seria suficiente para apreciar o valor da experiência do Confronto. Acrescente-se ainda que o encontro foi preparado com grande atenção e competência pelos Dicastérios da Pastoral Juvenil SDB e FMA, fazendo brotar o claro protagonismo dos jovens, como Dom Bosco queria. São elementos claros que sempre garantem o sucesso de iniciativas desse tipo.

Nos primeiros dias de setembro, com o P. Adriano Bregolin, e outros amigos, percorremos o “Caminho de Santiago”. Uma experiência humana e espiritual muito bela. Quero propô-la como ícone expressivo do caminho da vida e do itinerário da fé que cada um de nós é chamado a trilhar. Em entrevista concedida ao Noticiário Inspetorial da Inspetoria de León, Espanha (que nos deu apoio logístico durante o caminho), eu

sublinhava que o caminho põe à prova, primeiramente, a resistência física do peregrino; ensina a regular o ritmo do caminho com o dos companheiros de viagem; oferece espaços e tempos para contemplar a natureza à medida que se avança no seguimento da concha (ícone e indicação de marcha para o peregrino), que mostra a estrada a seguir, ajuda e encontrar a si mesmo no silêncio, convida com muita simplicidade a refletir sobre a própria vida e a rezar. Todos podem muito bem imaginar a alegria de chegar à meta, com muitos outros peregrinos, tendo depois a possibilidade de celebrar na tumba do Apóstolo.

Encontrei-me, no último domingo de setembro, com os participantes do *Harambée*. Depois, na Basílica de Maria Auxiliadora, tive a graça de enviar a 140ª expedição missionária salesiana. Neste ano, o número dos missionários, particularmente numerosos, queria representar um novo sinal de celebração do 150º aniversário de fundação da Congregação. A expedição é sempre uma realidade muito bela e significativa, na qual realizamos o que o Senhor Jesus pediu: ser testemunhas dele até os extremos limites do mundo. É também a continuação do que Dom Bosco iniciou no distante 1875, quando enviou seus primeiros Salesianos missionários à Argentina.

Tivemos, de 6 a 14 de outubro, a “reunião intermédia” do Conselho Geral, na qual, retomando o estudo das Regiões, examinamos a da Ásia Sul. A reflexão permitiu-nos conhecer melhor o estado daquela Região, atualmente a mais florescente das vocações na Congregação, individualizando os desafios que se devem enfrentar, avaliando os recursos disponíveis e propondo as grandes linhas para o futuro próximo. O tema será retomado com os Inspectores da Região no próximo semestre no Sri Lanka.

Estive no Peru de 21 a 26 do mesmo mês, para o encontro com os Inspectores da Região Interamérica. Esses encontros, dos quais também participa o Vigário, são orientados para uma ação de acompanhamento das Regiões. Sobre esse tipo de reuniões eu já me referi em cartas anteriores. Gostaria de sublinhar que a experiência vivida na reunião e em seguida concretizada revela-se sempre mais profícua quanto à opção metodológica e enriquecedora para os próprios Inspectores que dela participam. Nesse encontro, também presidi o seminário de atuali-

zação com os Inspectores, Delegados de Formação e de Pastoral Juvenil e alguns animadores, sobre o documento da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Aparecida. Encontros assim foram feitos pelo padre Egídio Viganò depois das Conferências do CELAM em Puebla e Santo Domingo. A finalidade era colocar a Congregação em sintonia com a Igreja da América Latina.

Em novembro, visitei as Inspetorias de Dimapur e Guwahati, na Índia, que podem ser consideradas, com toda a razão, como uma das inculturações de maior sucesso do carisma e da missão salesiana. Está a demonstrá-lo tanto o crescimento da Igreja naquela área do nordeste da Índia, quanto também o desenvolvimento da nossa Congregação. Não resta dúvida de que o nome de Dom Bosco é como uma palavra mágica em toda aquela área, fruto do impulso missionário dado desde o início por D. Louis Mathias e por todos os grandes missionários que fizeram a implantação exemplar e fecunda da Igreja e a inculturação correta do carisma, comparável àquela efetuada pelos primeiros missionários na América do Sul. Foram irmãos corajosos, empreendedores, que fizeram um grande esforço para o conhecimento das línguas e das culturas locais. Empenhados na promoção humana, sobretudo por meio da educação, foram sempre grandes evangelizadores e cultores de vocações. O reconhecimento que temos de pessoas que nos são próximas e de estranhos, de cristãos e não cristãos, de homens de governo e de Igreja, confirma para nós o quão grande foi a epopeia missionária naquela parte da Índia. Essa esplêndida realização faz-nos refletir também sobre porque em certos contextos a Congregação tenha se desenvolvido muito bem, também entre os grupos tribais, enquanto em outros foi muito difícil construir uma Igreja local e ter vocações para a Igreja e para a Congregação.

Ainda em novembro, de 15 a 22, preguei os Exercícios Espirituais, em Turcifal, Portugal, para os Inspectores, membros dos Conselhos inspetoriais e outros irmãos convidados, da Região Europa Oeste. Parece-me ser este um dos serviços de animação específicos do Reitor-Mor que, dessa maneira, pode comunicar melhor a sua visão da vida consagrada em geral e da salesiana em particular, e fazer passar o seu magistério e as linhas de governo com os quais quer iluminar e guiar a Congre-

gação. Pessoalmente, fiquei muito contente pela atmosfera de oração e reflexão que se criou. Ao final dos Exercícios quis ir a Fátima para rezar a Nossa Senhora e confiar-lhe todos os caros irmãos, as nossas obras, com o mundo de pessoas, adultos e jovens, que giram ao redor delas. Não lhes escondo que sentia necessidade de visitar justamente esse Santuário santificado pela presença de Maria.

Para concluir, participei no final de novembro da Assembleia Semestral e Geral da USG (União dos Superiores Gerais), na qual se refletiu sobre a vida consagrada na África. Nas próximas Assembleias refletiremos sobre a vida consagrada na Europa, e posso garantir-lhes que este tema suscita um interesse imenso: estamos convencidos de que se a vida consagrada nasceu na Europa e de aqui se desenvolveu e estendeu ao mundo todo, é importante que também aqui renasça. Como podem ver, tudo isso está em linha com o ‘Projeto Europa’, que também é assumido sempre mais por outras Congregações.

E, sem mais, passo a entregar-lhes o meu **Comentário à Estreia 2010**.

“Verdadeiramente não há nada de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos”¹

Caríssimos Irmãos,
Filhas de Maria Auxiliadora,
Membros todos da Família Salesiana,
Jovens,

aqui estou para o encontro de todos os anos a fim de apresentar o comentário da Estreia de 2010. Qual verdadeiro programa espiritual e pastoral, ela nos ajudará a fortificar a nossa identidade salesiana, revigorar a nossa comunhão de mente e coração, inserir-nos na Igreja como “discípulos e apóstolos” para a construção do Reino e a transformação do mundo. Hoje, mais do que nunca, o mundo precisa de Cristo e do seu evangelho; por isso são necessárias pessoas que, como Jesus, façam

¹ BENTO XVI, cf. *Sacramentum Caritatis*, n. 84.

do Reino de Deus a causa pela qual viver; é preciso o testemunho de discípulos, homens e mulheres novos, nascidos não da “carne”, mas do Espírito; são precisos apóstolos empenhados seriamente na conservação da criação e da justiça, da solidariedade e da fraternidade entre os povos.

1. INTRODUÇÃO: A ESTREIA E SUAS MOTIVAÇÕES

Após o apelo do ano passado, quando convidei a Família Salesiana a viver e agir como “movimento” para ser mais visível, mais significativa e mais eficaz no serviço da salvação dos jovens, em 2010 gostaria de vê-los animados do mesmo espírito e envolvidos num projeto compartilhado: anunciar o evangelho aos jovens e levá-los assim ao encontro pessoal com o Senhor Jesus.

Trata-se de uma palavra programática que nos é oferecida pelo próprio Santo Padre na carta que me enviou por ocasião do 26º Capítulo Geral dos SDB:

“A evangelização seja a fronteira principal e prioritária da sua missão nos dias de hoje. Ela apresenta compromissos multifacetados, desafios urgentes e campos de ação vastos, mas a sua tarefa fundamental consiste em propor a todos para que levem uma existência humana como Jesus a viveu. Nas situações plurirreligiosas e também nas secularizadas é preciso encontrar caminhos inéditos para fazer conhecer a figura de Jesus, de modo especial aos jovens, a fim de que compreendam a sua perene fascinação”.²

Por isso, na ocasião do centenário da morte do padre Miguel Rua, fidelíssimo a Dom Bosco e ao seu carisma, gostaria de convidar todos os membros da Família Salesiana a serem sempre mais discípulos enamorados e apóstolos entusiastas de Jesus, e a se empenharem na evangelização dos jovens. Façamos de Cristo a eles; comentemos o nosso encontro com Ele; narremos a sua história, sem a qual a sua figura arrisca-se a cair na mitologia ou na ideologia; apresentemos-lhes o programa de felicidade oferecido por Ele nas Bem-aventuranças; contemos-lhes o quão bela é a vida quando Ele é encontrado e o quão radiante é ser

² BENTO XVI, *Carta ao P. Pascual Chávez Villanueva, Reitor-Mor dos Salesianos, por ocasião do Capítulo Geral 26*, 1ª de março de 2008, n. 4; cf. CG26 dos SDB, p. 109.

agarrados por Ele e envolvidos na causa do Reino de Deus.

A ação evangelizadora é fruto da identidade do discípulo que, depois de se colocar na sequência do Senhor Jesus, torna-se seu representante pessoal e missionário ardoroso. Queremos assumir o desafio de ajudar os jovens a “olharem para os outros, não mais apenas com os próprios olhos e com os próprios sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo”.³ É verdade, nós somos Salesianos e, como tais, realizamos a nossa missão de evangelizar *educando* e educar *evangelizando*. Não é um *slogan* nem uma expressão vazia de sentido. Ela exprime a estreita ligação existente entre evangelização e educação; sem se confundir, e no respeito da própria autonomia, elas estão a serviço da construção da pessoa humana para levá-la à plenitude de Cristo. A educação é autêntica quando respeita todas as dimensões da criança, do adolescente, do jovem e é claramente orientada para a formação integral da pessoa, abrindo-a à transcendência. A evangelização, por sua vez, tem em si mesma um intenso valor educativo, justamente porque busca a transformação da mente e do coração, a criação de uma pessoa nova, fruto da sua configuração a Cristo.

A Estreia de 2010 acena ao ano paulino, há pouco concluído, e ao Sínodo sobre a Palavra de Deus, ainda à espera da Exortação Apostólica pós-sinodal do Papa, que nos ajudará a anunciar e testemunhar a beleza do encontro com Cristo, Palavra de Deus, que vive entre nós. Durante o Sínodo, do qual tive a graça de participar, fiz uma intervenção sobre o trecho lucano dos discípulos de Emaús, visto como modelo de evangelização dos jovens tanto pelos conteúdos quanto pelos métodos; poderá ser útil tomá-lo novamente nas mãos e meditá-lo.

Eis, então, o programa espiritual e pastoral para 2010:

“Senhor, queremos ver Jesus”
À imitação do Padre Rua,
como discípulos autênticos e apóstolos apaixonados,
levemos o Evangelho aos jovens

³ BENTO XVI, cf. *Deus caritas est*, n. 18.

Numerosos grupos da Família Salesiana já estão em sintonia com essa tarefa. Como exemplo, assinalo duas passagens dos Capítulos Gerais do SDB e das FMA.

O Capítulo Geral 26 dos Salesianos tem consciência da urgência de evangelizar e da centralidade da proposta de Jesus Cristo: “Percebemos a evangelização como a principal urgência da nossa missão, conscientes de que os jovens têm o direito de ouvir o anúncio da pessoa de Jesus como fonte de vida e promessa de felicidade no tempo e na eternidade”.⁴ Nossa “tarefa fundamental consiste em propor a todos para que levem uma existência humana como Jesus a viveu”. “[...] o anúncio de Jesus Cristo e do seu evangelho deve ser fulcral, juntamente com o apelo à conversão, ao acolhimento da fé e à inserção na Igreja; além disso, nascem aqui os caminhos de fé e de catequese, a vida litúrgica e o testemunho da caridade diligente.”⁵

O Capítulo Geral 22 das Filhas de Maria Auxiliadora reconhece, depois, que é o amor de Deus que nos impele: “O Cenáculo, o lugar onde os apóstolos se encontram todos juntos, não é uma morada estável, mas uma base de lançamento. O Espírito os transforma de homens medrosos em ardorosos missionários que, repletos de coragem, levam pelas estradas do mundo, o alegre anúncio de Jesus Ressuscitado. O amor impele ao êxodo e a sair de si em direção das novas fronteiras, para se fazer dom: ‘o amor cresce mediante o amor’”.⁶ “Maria, que no Cenáculo ensina a escancarar as portas, foi a primeira a viver a experiência do êxodo e começar a viagem. A primeira evangelizada se tornou a primeira evangelizadora. Levando Jesus aos outros ela oferece seu serviço, leva alegria, faz experimentar o amor.”⁷

⁴ CG26 SDB, n. 24.

⁵ BENTO XVI, *Carta ao P. Pascual Chávez Villanueva, Reitor-Mor dos Salesianos, por ocasião do Capítulo Geral 26*, 1º de março de 2008, n. 4; cf. CG26 dos SDB, p. 109.

⁶ Cf. BENTO XVI, *Deus caritas est*, n. 18.

⁷ CG 22 FMA, *Acima de tudo o amor*, n. 33.

2. SER DISCÍPULOS E APÓSTOLOS: A NOSSA VOCAÇÃO

A vocação de todo cristão é ser discípulo que acolhe cordialmente a Palavra de Deus e apóstolo que a transmite com alegria. A vida e a missão da Igreja consistem justamente nisso. Jesus começou a anunciar pessoalmente o evangelho do Reino de Deus e a chamar discípulos para enviá-los a pregar. Todos os batizados, não só os Doze, são chamados a serem discípulos que se familiarizam com a Palavra; se identificam com o Senhor a ponto de adquirirem os seus sentimentos; terem a mente de Cristo; viverem em intimidade com Ele, até serem apóstolos convictos e zelosos, enviados a todos os ambientes de vida para dar testemunho da fé, dar razão da esperança, colaborar na transformação da cultura e da sociedade, construir um mundo onde reinem a justiça e a paz; a ser consciência de solidariedade entre os povos e os grupos sociais, e de fraternidade entre todas as pessoas.

Nenhum cristão pode subtrair-se a essa vocação e missão. Todos – não só os sacerdotes, missionários ou religiosos –, movidos pelo amor que o Senhor tem por nós e em virtude do Batismo, somos chamados a ser evangelizadores. Podemos responder à ordem do Senhor na família, no trabalho, em nossas comunidades, com as ações e as palavras, isto é, com o amor que colocamos nas ações e nas palavras, preocupando-nos que sejam segundo o evangelho. Evangelizar significa lançar o fermento com uma energia capaz de mudar a mentalidade e o coração das pessoas e, por meio delas, as estruturas sociais, de modo que estejam mais de acordo com o plano de Deus. Não se trata de uma atividade intimista: evangelizar é desencadear a verdadeira revolução social, a mais profunda, a única eficaz. Isso explica porque ela encontra tantas resistências e oposições, claras ou ocultas.

Antes de pensar nos meios e modos de evangelizar, é preciso ter um motivo, ser “enamorado” de Deus, ter feito experiência da sua amizade e da sua intimidade: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor; mas vos chamo amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai” (*Jo 15,15*). Entre os momentos do chamado e do envio fica o tempo em que os discípulos “estão” com o Senhor para aprender o seu estilo de vida, aprender a ler a história pessoal e universal como história de salvação, experimentar na própria

vida a verdade, a bondade e a beleza da mensagem que lhes é confiada e que são chamados a proclamar.

Sobre isso, eu dizia na saudação de abertura da Assembleia semestral da União dos Superiores Gerais em preparação ao Sínodo sobre a “Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”: “só o ministro do evangelho – consagrado ou leigo – que tenha em seu coração o evangelho feito objeto de contemplação e motivo de oração, conseguirá mantê-lo nos lábios como tesouro sobre o qual falar e o terá nas mãos como dever ineludível a comunicar”.⁸

Na bela missão de acolher, encarnar e comunicar a Palavra de Deus, Maria é nossa mãe e mestra, porque – como diz S. Agostinho – Ela concebeu o Filho no espírito antes que na carne. De fato, no evangelho de Lucas, Maria é apresentada como aquela que, ao anúncio do Anjo, responde com abertura extraordinária: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). Maria é modelo do discípulo que, diante dos acontecimentos que vê e não consegue entender, conserva todas aquelas coisas e as medita em seu coração (cf. Lc 2, 19). No início do ministério do seu Filho, nas bodas de Caná, Ela convida os servos a “fazer tudo o que ele disser” (Jo 2,5), e durante o ministério está entre os discípulos que “ouvem a Palavra de Deus e a observam” (Lc 11,27-28). Chegado o momento da paixão, Maria está aos pés da cruz, compartilhando até o fim o abandono, a recusa e o sofrimento do Filho, e recolhendo cuidadosamente o seu testamento: “Mulher, eis o teu filho” (Jo 19,25-27). Enfim, depois da ressurreição, persevera em oração com os discípulos à espera do Espírito Santo prometido (cf. At 1,14). Eis o nosso modelo de discípulo e apóstolo da Palavra.

⁸ P. CHAVEZ, *Non è giusto che noi trascuriamo la Parola di Dio*, Saudação de abertura da Assembleia da USG, Roma, 21 de novembro de 2007.

3. MISSÃO DOS DISCÍPULOS É ESCUTAR O “DESEJO DE VER JESUS”

A evangelização não é apenas mensagem a proclamar, mas a revelação de Deus em Jesus; por isso, ela é autêntica quando leva ao encontro com a pessoa de Jesus e é eficaz quando comunica a salvação que, no Filho, Deus nos quis dar. A evangelização comporta, portanto, uma dinâmica interna, que parte do sentimento religioso expresso no desejo humano de ver Deus, anunciado pelo salmista: “Meu coração se lembra de ti: Buscai minha face; tua face, Senhor, eu busco” (*Sl* 26,8). E um dos discípulos ousará pedir a Jesus: “Senhor, mostra-nos o Pai, isso nos basta” (*Jo* 14,8). Isso está a nos dizer que evangelizar é um encontro pessoal, e alguém é evangelizado justamente quando encontra e acolhe a pessoa de Jesus.

O evangelista João recorda que alguns gregos, enquanto subiam a Jerusalém para a Páscoa, aproximaram-se de Filipe com o pedido de “ver Jesus” (*Jo* 12,21). Sem saber o que fazer diante de pedido tão inesperado, Filipe conversou com André e, juntos, “foram falar com Jesus”. Então, Jesus tomou consciência de que chegara a hora, muitas vezes adiada, de ser glorificado. No momento em que os distantes sentiram o desejo de vê-lo, Jesus reconheceu que chegara o tempo de anunciar a própria entrega à morte, a hora da glorificação, o momento decisivo da salvação de todos.

Jesus chegou ao conhecimento da sua hora ao saber que havia alguns gregos querendo vê-lo. Ele tomou consciência disso porque dois discípulos lho comunicaram. Sem perceber, Filipe e André ajudaram Jesus a reconhecer o momento crucial da sua vida. Sem os dois discípulos, os gregos não teriam podido manifestar o desejo de ver o Senhor; sem eles, Jesus não ficaria sabendo que chegara o momento da sua glorificação. Jesus precisou dos discípulos para reconhecer, no desejo de ser visto pelos distantes, que chegara a hora da sua glória.

Ainda hoje Jesus precisa de discípulos que consigam perceber no coração do povo, em suas alegrias e em seus temores, a vontade nem sempre expressa de aproximar-se dele e encontrá-lo. O que leva Jesus a atuar novamente a salvação é saber-se desejado. Só o discípulo que lhe está próximo pode perceber, entre muitos que o rodeiam, quem

deseja realmente encontrá-lo. O discípulo acompanha Jesus para facilitar o encontro com Ele daqueles que o querem ver. É assim que o discípulo de Jesus se faz também apóstolo: Jesus precisa de discípulos, companheiros de vida e de missão, para reconhecer a chegada da sua hora. Ao levar até Ele aqueles que o querem ver, o discípulo de Jesus converte-se em apóstolo dele.

Discernir o verdadeiro desejo de “ver Jesus” entre tantas aspirações da juventude de hoje é, para nós, membros da Família Salesiana, o motivo, senão o único, ao menos o fundamental para ser verdadeiros apóstolos de Cristo. Se nós não o fizermos, quem apresentará a Jesus os sonhos e as carências dos jovens? Quem fará ver Jesus aos jovens? Os membros da Família Salesiana são chamados a escutar o anseio dos jovens de encontrar Jesus e, ao mesmo tempo, ler a situação juvenil de modo a evidenciar o desejo de os jovens se aproximarem de Jesus. Esse é o nosso modo de ajudar Jesus a salvar os jovens hoje. E é assim que nós nos fazemos seus verdadeiros companheiros e apóstolos.

Isso significa que a evangelização dos jovens deve partir das situações concretas vividas por eles com atenção particular à sua cultura intensamente marcada pelo valor da subjetividade e da autorreferência, que os leva a agrupar-se entre coetâneos e afastar-se do mundo dos adultos. São iluminadoras a este propósito as palavras ditas pelo Santo Padre Bento XVI, na catequese de 5 de agosto de 2009, ao falar do santo Cura d’Ars: “Se então havia a ‘ditadura do racionalismo’, na época atual registra-se em muitos ambientes uma espécie de ‘ditadura do relativismo’. Ambas parecem ser respostas inadequadas à maior exigência do homem, de usar plenamente a sua razão como elemento distintivo e constitutivo da própria identidade. O racionalismo foi inadequado porque não teve em consideração os limites humanos e pretendeu elevar só a razão como medida de todas as coisas, transformando-a numa deusa; o relativismo contemporâneo mortifica a razão, porque de fato chega a afirmar que o ser humano nada pode conhecer com certeza, para além do campo científico positivo. Porém, tanto hoje como ontem, **o homem ‘mendicante de significado e realização’ vai à procura contínua de respostas exaustivas às interrogações fundamentais que**

não cessa de levantar”.⁹ Eis porque os jovens – sobretudo eles – têm a necessidade, nem sempre sentida ou expressa, de guias pacientes e compreensivos.

Quanto à referência religiosa em geral, e à referência cristã em particular, os dados sobre os jovens não deixam espaço a dúvidas. Distanciamento, abandono prematuro e irrelevância marcam a relação de muitos jovens com instituições, temas e pessoas religiosas. Hoje é sempre mais comum encontrar-se com jovens que jamais tiveram contato com o fato religioso ou o tiveram de maneira insuficiente para entender a questão de Deus ou se afastaram depois de uma experiência inicial cheia de promessas.

Ouvir o grito, explícito ou implícito, dos jovens que querem ver Jesus comporta na situação atual ir àqueles espaços e temas de vida onde os jovens se encontram como em sua casa, para deixar-lhes claro que entre os desejos mais autênticos de vida e felicidade esconde-se a questão de sentido e da busca de Deus.

O meu caro predecessor P. Juan Edmundo Vecchi havia tratado dessa situação de modo muito preciso. “O mundo juvenil é terra de missão pelo número de sujeitos que devem ouvir novamente o primeiro anúncio, pelas formas de vida e pelos modelos culturais aos quais ainda não chegou a luz do evangelho, pela linguagem verbal, mental e existencial que não coincide com a da tradição.”¹⁰

“Tenha-se consciência de que Deus interessa aos jovens. Confirmam-no todas as pesquisas. Um elevado percentual de jovens declara sentir de algum modo necessidade de Deus e estar convencido da sua existência. Disso, porém, não deriva a obrigação do culto e de uma moral coerente, e nem mesmo se relaciona com a ‘verdade’ proposta sobre Deus por alguma Igreja.

A imagem que os jovens têm de Deus é diversificada, como um caleidoscópio. Mas seria apressado timbrá-la como falsa. Ela é mais facilmente incompleta e desfocada, às vezes muito. Tendo-se afirmado certa desconfiança em relação às instituições e à imagem de Deus

⁹ *L'Osservatore Romano*, sexta-feira, 6 de agosto de 2009, p. 8.

¹⁰ J. E. VECCHI, “*L'areopago giovanile*”, NOTE DI PASTORALE GIOVANILE (NPG) 1997, n. 4 (maio), p. 3.

apresentadas por elas e dados como certos alguns princípios típicos de controle do pensamento atual, não restam critérios para avaliar objetivamente a validade das diversas representações de Deus.

Ao assumir alguma delas, prevalece a opção subjetiva. Não é totalmente ruim: a fé é um ato livre da vontade movida pela graça e iluminada pela razão. Mas resultam certamente imagens desequilibradas. Deus resulta então um objeto, uma imagem, um interlocutor, uma relação e uma descoberta na medida do indivíduo. Daí deriva uma concepção notavelmente vaga do próprio Deus [...].

Há jovens nos quais quase desapareceu a imagem de um Deus pessoal. E da mesma forma também qualquer questionamento sobre Deus. Imagens e questionamentos permanecem nas dobras da consciência, como num ângulo não mais visitado.

Nesse contexto, mais comparável a uma praça do que a uma igreja, coloca-se a questão sobre quando e como falar de Deus, para qual imagem dele orientar experiências e mensagens. É claro que como Deus se revelou por meio de fatos e palavras, também o nosso falar acontece mediante fatos e palavras, acontecimentos e iluminações.”¹¹

4. ANTES DISCÍPULOS, DEPOIS APÓSTOLOS

Para fazer os jovens verem Jesus, é preciso conhecê-lo, viver com ele, ser um dos seus. Ou, com outras palavras, não se pode ser testemunha e apóstolo de Jesus, se não se for antes discípulo. Apóstolo, de fato, não é quem o quer, mas quem é chamado. Filipe, André e os demais membros do primeiro grupo foram chamados por Jesus, individualmente, pelo nome, escolhidos entre uma multidão: “chamou os que ele quis”, doze, “para que ficassem com ele e os enviasse a anunciar a Boa-Nova” (Mc 3,13-14). Para ir a Jesus, porém, tiveram que se afastar do povo que o seguia, e acompanhá-lo. Quem foi convidado a ficar com Jesus e pregar em seu nome, não pertence ao grupo dos que o buscam; faz parte daqueles que já o encontraram e decidiram ficar com Ele.

O primeiro mandato que o apóstolo recebe, o convite inicial de quem o chamou, é “ficar” com o seu Senhor. No apostolado, a con-

¹¹ J. E. VECCHI, “*Parlare di Dio ai giovani*”, NPG 1997, n. 5 (junho), p. 3-4.

vivência precede o envio; a companhia vem antes da pregação; a fidelidade pessoal é premissa para a missão. De fato, serão enviados por Jesus aqueles que viverem com Ele, compartilhando o caminho e o repouso, o pão e os sonhos, os sucessos e as decepções, a vida e os projetos. Antes de o evangelho ocupar a sua mente e ser causa de seus cansaços, deverá ter sido acolhido em seu coração e ser causa da sua alegria. Jesus não confia o evangelho a quem não lhe entregou a própria vida (cf. *At* 1,21-22). Os primeiros enviados por Jesus foram os seus primeiros companheiros.

Por ficarem com Ele, os que desejavam conhecer Jesus aproximavam-se dos discípulos; o desejo de encontrar Jesus levava a multidão a buscar quem o seguia. Só o discípulo, que vive com Jesus, pode facilitar o acesso a Ele de quem o deseja. De aqui a necessidade premente que os jovens sentem de encontrar discípulos de Cristo que os levem a Ele, justamente porque estão sempre com Ele. Só os discípulos autênticos podem ser apóstolos críveis.

No ano há pouco transcorrido, a figura de Paulo ajudou-nos a compreender que antes do “evangelho da graça” anunciado a todos, houve a experiência do encontro com o Ressuscitado; Paulo obteve sucesso na pregação do evangelho de Deus, e de modo todo novo, porque o Ressuscitado lhe fora revelado (cf. *Gl* 1,15-16) na estrada de Damasco. Desta experiência nasceu o programa de vida de Paulo: “Para mim, viver é Cristo” e o seu projeto pastoral: “Ai de mim se não evangelizar” (*1Cor* 9,16). Se “Cristo é tudo para nós” e se “nada antepomos ao amor de Cristo”, a nossa vida torna-se, então, testemunho alegre e proposta a todos do encontro com Ele.

5. PARA FAZER “VER JESUS” AOS JOVENS

Deparar-se com Jesus não significa, imediatamente, encontrá-lo. Ter-se “deparado” com Jesus, numa experiência religiosa densa que suscita grande alegria e entusiasmo, nem sempre leva à fé, ao encontro autêntico com o Senhor porque, como na parábola da semente (cf. *Mc* 4), o terreno no qual ela cai não está preparado.

No encontro, a iniciativa é de Jesus. “Ele se faz adiante e busca o encontro. Entra numa casa, aproxima-se do poço no qual uma mulher

vai à busca de água, detém-se diante de um coletor de impostos, dirige o olhar a quem subiu numa árvore, associa-se a quem percorre uma estrada. Das suas palavras, dos seus gestos e da sua pessoa desprende um fascínio que envolve o interlocutor. É admiração, amor, confiança e atração.

Para muitos, o primeiro encontro se transformará no desejo de ainda escutá-lo, de estabelecer amizade com ele, de segui-lo. Sentar-se-ão ao seu redor para interrogá-lo, ajudá-lo-ão na sua missão, haverão de pedir-lhe que os ensine a rezar, serão testemunhas das suas horas felizes e dolorosas. Em outros casos, o encontro acaba com um convite à mudança de vida.”¹² Esse é o testemunho unânime dos quatro evangelhos.

A experiência não é diversa quando se pensa no encontro de Jesus com os jovens. A cada um deles, o evento mais explosivo acontece no momento em que Jesus aparece como aquele no qual buscar um sentido para a vida, ao qual dirigir-se em busca da verdade, através do qual entender a relação com Deus e com quem interpretar a condição humana. A coisa mais importante é passar da admiração ao conhecimento e do conhecimento à intimidade, ao enamoramento, à sequela, à imitação.

O fato é que não se pode “ver Jesus”, se Ele não se “deixar ver”. Só vem a mim, disse Ele, quem me foi dado pelo meu Pai (cf. Jo 6,44). Não basta, portanto, o desejo de encontrá-lo para chegar à alegria do reconhecimento; nem basta encontrar os seus discípulos para encontrar Jesus e reconhecê-lo como Senhor.

A narração de Emaús, modelo exemplar de encontro do crente com a mesma Palavra encarnada (cf. Lc 24,13-15), identifica o horizonte ao qual o crente deve chegar e desenha o caminho para alcançá-lo. O episódio ilustra o caminho da fé e descreve as suas etapas sempre atuais. A narração lucana oferece-nos um *itinerário preciso de evangelização*, no qual se descreve quem evangeliza e como se evangeliza: é Jesus que evangeliza por meio da sua Palavra e do dom eucarístico de si, enquanto caminha com os discípulos.

¹² J. E. VECCHI, “Educare alla fede: l’incontro con Cristo”, NPG 1997, n. 3 (aprile), p. 3-4.

5.1. META DA EVANGELIZAÇÃO: ENCONTRAR CRISTO NA IGREJA

A narração abre-se falando do distanciamento de Jerusalém de dois discípulos de Jesus. Desolados pelo que acontecera há três dias, abandonam a comunidade na qual, porém, há alguns que começaram a dizer que o Senhor foi visto vivo; os dois discípulos não podem crer em boatos de mulheres (cf. *Lc 24,22-23; Mc 16,11*). Somente ao final da viagem, quando virem Jesus repetir o gesto de partir o pão, eles o reconhecerão, para logo em seguida perdê-lo de vista e retornarem à comunidade. A conclusão inesperada da viagem a Emaús foi o reencontro com a comunidade em Jerusalém. O Ressuscitado não ficou com eles, e eles não puderam ficar sozinhos: retornaram à comunidade, onde reencontraram o Cristo no testemunho dos Apóstolos: “Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão” (*Lc 24,34*). É esse o critério de controle do encontro autêntico com Cristo: o dom da comunidade, redescoberta como a própria casa, habitada pelo Senhor, lar a qual pertencem todos os que viram o Senhor.

A consequência lógica do encontro pessoal com o Ressuscitado é redescobrir a comunidade e reencontrar-se na Igreja, lugar para viver a fé comum. Fora da comunidade, o anúncio do evangelho parece rumor no qual não crer (cf. *Lc 24,22-23*). Hoje, como ontem ou mais do que ontem, devemos confrontar-nos com os obstáculos encontrados para a evangelização. O primeiro é a desinformação, porque não só se fala pouco de Jesus, como também se procura fazê-lo desaparecer da cultura atual, da organização social, da consciência pessoal. A sua presença é sentida como irrelevante na sociedade e a sua ausência é vista como um ganho. O segundo obstáculo é a visão subjetivista de Jesus que, privado da sua historicidade real, torna-se sempre um Cristo segundo a nossa medida, imaginado segundo os próprios desejos ou necessidades. O terceiro obstáculo é mais refinado: num pretenso diálogo inter-religioso gostar-se-ia de reduzir Cristo a um entre outros mestres de espírito ou fundadores de religiões, a ponto de não mais reconhecê-lo como o único Salvador de todos. Enfim, há o risco não imaginário antes, muito comum entre os próprios cristãos, de considerar Cristo de tal modo que não há mais nada de novo a dizer-nos; ficando insignificante, não vale mais a

pena tê-lo como guia e Senhor.

A narração lucana dos discípulos de Emaús diz-nos que se o Ressuscitado não tivesse feito comunidade com eles durante a viagem e à mesa, os dois discípulos não teriam chegado a descobri-lo vivo, nem teriam recuperado a vontade de viver em comum. Notemo-lo bem: não importa se quem retorna à comunidade a tinha abandonado anteriormente; é decisivo, porém, que se retorne o quanto antes, logo depois de ter visto o Senhor. Só quem recupera a vida comum sabe que o Ressuscitado esteve com ele e encontra a alegria de tê-lo sentido ao seu lado (cf. *Lc* 24,35.32).

Deve-se temer uma evangelização que, além dos métodos e das intenções, não parta de uma vida em comum dos evangelizadores e não nasça da sua alegria de ter encontrado Cristo na comunidade. Se assim fosse, a evangelização não teria brotado do encontro com o Ressuscitado, nem levaria a encontrar-se com Ele. Aqueles que viram o Ressuscitado e comeram com Ele não puderam retê-lo consigo, mas tiveram vontade de falar da experiência vivida, retornando à comunidade. Isso não é casual, mas comprova uma lei da existência cristã: quem sabe e proclama que Jesus ressuscitou, vive a sua experiência em comunhão.

Mesmo sendo verdade que Jesus pode ser encontrado em todos os lugares, a sua casa, o lugar onde Ele mora, é a Igreja, a comunidade dos crentes, daqueles que o confessam como seu Senhor, a família dos seus discípulos, daqueles que compartilham a vida e a missão com Ele.

Não resta dúvida de que devemos trabalhar para corrigir a imagem deformada da Igreja que possa existir em muitos jovens. Alguns “falam dela com afeto, como se fosse a própria família antes, a própria mãe. Sabem que nela e dela receberam a vida espiritual. Mesmo reconhecendo os seus limites, as suas rugas e até mesmo os seus escândalos, isso, todavia, parece secundário diante dos bens que ela traz à pessoa e à humanidade enquanto morada de Cristo e ponto de irradiação da sua luz: as energias de bem manifestadas em obras e pessoas, a experiência de Deus movida pelo Espírito que aparece na santidade, a sabedoria vinda da Palavra de Deus, o amor que une e cria solidariedade além dos limites nacionais e continentais, a perspectiva da vida eterna.

Outros a tratam com desinteresse, como se fosse uma realidade que não lhes pertence e da qual não se sentem parte. Julgam-na de fora. Quando dizem “a Igreja”, parecem referir-se somente a algumas de suas instituições, a alguma formulação da fé ou a normas de moral que não são do próprio gosto. É a impressão que se tem na leitura de alguns jornais. [...] Erram justamente sobre o que constitui a Igreja: a sua relação, ou melhor, a sua identificação com Cristo. Para muitos, trata-se de uma verdade desconhecida ou praticamente esquecida. Não falta quem a interprete como uma pretensão da Igreja de monopolizar a figura de Cristo, controlar as suas interpretações e gerir o patrimônio de imagem, de verdade, de fascínio representado por Cristo.

Para o crente, porém, esse é o ponto fundamental: a Igreja é continuação, morada, presença atual de Cristo, lugar onde ele dispensa a graça, a verdade e a vida no Espírito. [...] É exatamente assim. A Igreja vive da memória de Jesus, reexamina e estuda com todos os meios a sua palavra tirando dela significados novos, atualiza a sua presença nas celebrações, procura projetar a luz que se desprende do seu mistério sobre os acontecimentos e as concepções de vida atuais e assume e leva adiante a missão de Cristo na sua totalidade: anúncio do Reino e transformação das condições de vida menos humanas. Sobretudo, Jesus é a sua cabeça e atrai os indivíduos, une-os num corpo visível e infunde energias nas comunidades”.¹³

Sendo essa a verdadeira realidade da Igreja, temos a missão de fazer com que os jovens a amem como mãe da própria fé, que os educa como filhos de Deus, os faz encontrar a vocação e a missão, os acompanha ao longo do caminho da vida e os espera para introduzi-los na casa do Pai. É o que Dom Bosco soube fazer de modo incomparável na educação e evangelização dos seus meninos em Valdocco. Vejamos o que podemos fazer hoje em relação aos jovens que querem ver Jesus.

¹³ J. E. VECCHI, “*Maestro, dove abiti?*”, NPG 1997, n. 7 (outubro), p. 3.

5.2. MÉTODO DA EVANGELIZAÇÃO: CAMINHAR JUNTOS

A razão pela qual provavelmente o episódio de Emaús seja tão atual está na sua contemporaneidade com a nossa situação espiritual. É fácil sentir-se identificado com estes discípulos que voltam para casa, antes do pôr do sol, cheios de conhecimentos e de tristeza. Encontramos na aventura dos dois discípulos de Emaús as etapas decisivas a percorrer para refazer, na educação dos jovens à fé, a experiência pascal que acompanha o surgimento da vida em comunidade e do testemunho apostólico.

Ponto de partida: ir até Jesus com as próprias desilusões

Ponto de partida da viagem para Emaús não foi o que acontecera em Jerusalém “naqueles dias”, mas a íntima frustração pessoal. Tinham vivido com Jesus, e a convivência despertara neles as melhores esperanças: parecia ser “ele que libertaria Israel” (Lc 24,19-21). Sua morte na cruz, porém, sepultara todas as expectativas e a fé que tinham. Era mais do que lógico provarem a falência, sentirem-se, desiludidos, que foram enganados. Hoje, os jovens compartilham poucas coisas com esses discípulos; talvez, porém, não tenham tanto em comum quanto a frustração dos seus sonhos, o cansaço na vida e o desencanto no discipulado. Seguir Jesus não é digno, pensam com frequência, não vale a pena: um ausente não tem valor para suas vidas.

É a hora de partir para Emaús. Ao longo do caminho, com suas angústias, há também a oportunidade de um encontro com Jesus. Não se deve pensar, porém, em caminhar sozinhos. Os jovens precisam de uma Igreja que, representando Jesus, se aproxime dos seus problemas e do seu desalento, que não só compartilhe com eles o caminho e o cansaço, mas saiba também conversar com eles, colocando-se no seu nível, interessando-se por aquilo que os preocupa, assumindo suas incertezas. Como poderá a Família Salesiana representar o Senhor ressuscitado, se não se ocupar deles, ou não se interrogar sobre as suas “alegrias e esperanças”, sobre as suas “tristezas e angústias”, enfim, se não se mostrar preocupada pelas suas coisas e pela sua vida?

Durante o caminho: do saber muitas coisas sobre Jesus ao deixá-lo falar

Pela estrada, só o desconhecido parecia não ter qualquer ideia do que acontecera em Jerusalém (cf. *Lc 24,17-24*). Conhecer muitas coisas sobre Jesus não levou os discípulos a reconhecê-lo; conheciam o kerygma, mas não tinham chegado à fé; sabiam muito sobre ele, mas não eram capazes de vê-lo; tinham muitas notícias sobre um morto, a ponto de não conseguirem reconhecê-lo vivo. O desconhecido precisou empenhar-se intensamente para fazê-los compreender o acontecido sob a luz de Deus. Jesus pôs-se a reler a sua vida com eles apresentando-a como realização das promessas. Para poder reconhecê-lo, tiveram que deixá-lo falar.

Como Cristo, a Família Salesiana precisa renunciar a alimentar nos jovens esperanças inconsistentes, expectativas falsas; deve ensinar a suportar o que acontece neles e ao redor deles, ajudando-os a reler os acontecimentos à luz de Deus, segundo a sua Palavra. Como os jovens conseguirão sentir-se amados por Deus se não os levamos à convicção de que tudo o que acontece faz parte de um projeto divino, fruto e prova de um amor colossal? Para chegar a isso, devemos ser seus companheiros na busca do sentido da vida e na busca de Deus. Eis aqui um percurso, ainda pouco utilizado na Igreja, muito urgente para os jovens: sem conhecer as Escrituras, não se conhece Cristo.¹⁴

Etapas decisivas: acolher Jesus na própria casa

Chegados a Emaús, os discípulos ainda não tinham chegado ao conhecimento pessoal de Jesus, não tinham identificado o Ressuscitado no companheiro desconhecido. Emaús não foi, na verdade, a meta da viagem, mas a etapa decisiva. Convidado a ficar, ainda desconhecido, Jesus repete o seu gesto sem dizer palavra. A práxis eucarística entre os crentes é sinal da sua presença real. Os dois de Emaús não reconheceram o Senhor quando caminhavam com ele e dele aprendiam a entender o sentido dos acontecimentos. O que Jesus não conseguira fazer com o acompanhamento, com a conversação, com a interpretação da Palavra

¹⁴ Cf. DV 25.

de Deus, realizou-se com o gesto eucarístico.

Os olhos para contemplar o Ressuscitado abrem-se quando Ele repete o gesto que melhor o identifica (cf. *Lc* 24,30-31). Quando se parte o pão em comunidade, Jesus sai do anonimato. “Nenhuma comunidade cristã se edifica sem ter a sua raiz e o seu centro na celebração da Eucaristia.”¹⁵ Uma educação à fé que se esqueça ou adie o encontro *sacramental* dos jovens com Cristo não é caminho para encontrá-lo. A Eucaristia é e deve permanecer “fonte e cume da evangelização”;¹⁶ ela é “a fonte e o cume da vida cristã”.¹⁷

“Os jovens, como nós, encontram Jesus na comunidade eclesial. Em vista dela, porém, há momentos nos quais Jesus se revela e se comunica de modo singular: são os sacramentos, em particular a Reconciliação e a Eucaristia. Sem a experiência que se faz neles, o conhecimento de Jesus resulta inadequado e escasso, a ponto de não permitir distingui-lo como o ressuscitado Salvador.

Há, na verdade, quem, mesmo compartilhando a vida social e os ideais da Igreja, coloque Jesus apenas entre os grandes sábios, entre os gênios religiosos; talvez o considere como a realização mais elevada da humanidade, que influi em nós pela profundidade da sua doutrina e pelo exemplo da sua vida. Falta, porém, a experiência pessoal do Ressuscitado, do seu poder de dar a vida, da comunhão nele com o Pai.

Diz-se acertadamente que os sacramentos são memória real de Jesus: daquilo que ele realizou e ainda realiza hoje para nós, daquilo que significa para a nossa vida: reacendem, portanto, a nossa fé nele, pelo que o vemos melhor em nossa existência e nos acontecimentos.

São também revelação daquilo que parece escondido nas dobras da nossa existência, através dos quais tomamos consciência disso: na Reconciliação, descobrimos a bondade de Deus na origem e como tecido da nossa vida; à sua luz avaliamos o seu decorrer e procuramos construí-la de modo novo. Eles são energia, graça transformadora porque comunicam a vida de Cristo ressuscitado e nos inserem nela; dão-nos consciência não teórica, mas vivida do seu valor, dimensões e possibilidades.

¹⁵ PO 6.

¹⁶ PO 5.

¹⁷ LG 11.

São profecia, garantia de uma promessa de comunhão e felicidade, que nos foi feita e à qual nos entregamos. Na Reconciliação, abrem-se nossos olhos e vemos aquilo que podemos ser segundo o projeto e o desejo de Deus; é-nos dado novamente o Espírito que nos purifica e renova. Foi dito que é o sacramento do nosso futuro de filhos, e não do nosso passado de pecadores. Na Eucaristia, Cristo nos incorpora à sua oferta ao Pai e reforça a nossa entrega aos homens. Inspira-nos o desejo e dá-nos a esperança de que ambos, amor ao Pai e aos irmãos, sejam uma graça para todos e para tudo: anunciamos a sua morte, proclamamos a sua ressurreição, vem, Senhor Jesus.”¹⁸

5.3. MOTIVAÇÃO DA EVANGELIZAÇÃO

A urgência de evangelizar não é proselitismo; ela exprime paixão pela salvação dos outros, alegria de compartilhar a experiência da plenitude de vida em Jesus. Quem encontrou o Senhor, não pode ficar em silêncio. Deve proclamá-lo. Ficar calado seria dá-lo novamente por morto; e Ele vive! O sentido missionário encarna a ordem dada por Jesus aos discípulos: “sereis minhas testemunhas até os extremos limites da terra” (At 1,8).

Ao levar o evangelho aos jovens mais pobres, Dom Bosco apropriou-se desse apelo de Jesus desde o início da sua obra. Ao falar da Congregação ele diz: “esta Sociedade em seu princípio era um simples catecismo”.¹⁹ E logo depois da aprovação das Constituições (1874) enviou a primeira expedição missionária à América Latina, em 11 de novembro de 1875. Somos convidados como Família Salesiana a nos colocarmos em sintonia com aquela que foi a inspiração originária de Dom Bosco: a dimensão evangelizadora e missionária da sua vida, mas também do seu carisma. Isso tudo representa um ponto fundamental do testamento espiritual que ele nos deixou.

Hoje, a missionariedade está particularmente viva, porque o mundo voltou a ser “terra de missão”. Por outro lado, há também hoje uma maneira diversa de conceber a missionariedade, de realizar a “missio ad gentes”. Ela é atuada no respeito dos diversos ambientes culturais,

¹⁸ J. E. VECCHI, “*Lo riconobbero nello spezzare il pane*”, NPG 1997, n. 8 (novembro), p. 3-4.

¹⁹ MB IX, p. 61.

em diálogo com as outras confissões cristãs e as diversas religiões, e empenha-nos na promoção humana e na fermentação da cultura.²⁰ O que não nos exime, porém, de ser missionários, antes nos compromete de modo ainda mais intenso.

5.4. REPENSAMENTO DA PASTORAL

Se quisermos evangelizar hoje, além de dar prioridade às urgências da evangelização, devemos renovar a pastoral. Eis, portanto, algumas considerações sobre isso.

Centralidade da pessoa de Jesus Cristo

A evangelização tem o Senhor Jesus não só como seu conteúdo, mas como seu sujeito fundamental. Jesus Cristo, com efeito, não propõe uma mensagem que possa ser separada da sua pessoa, de modo que as suas palavras, as suas ações, a sua vicissitude terrena possam ser reduzidas a simples instrumentos de comunicação. Ele é o próprio conteúdo do seu anúncio, porque Ele é a Palavra viva e eficaz com a qual Deus se comunica aos homens. A fonte de toda a ação evangelizadora está no encontro pessoal com Cristo. Não se trata, obviamente, de simples exortação parenética, mas de indicação clara da verdade, que tem consequências muito relevantes. Entre elas, assinalo primeiramente a exigência de superar a ruptura entre o conteúdo e o método da evangelização, e, ainda, a urgência de manter o equilíbrio entre o partir dos questionamentos dos destinatários e o apresentar-lhes somente Cristo e o Cristo por inteiro. Isso nos pede para verificar se os nossos métodos pastorais são coerentes com a centralidade da proposta de Jesus Cristo. Uma metodologia que coloque no centro exclusivamente o ouvinte da Palavra torna inútil a eficácia da mesma Palavra.

Testemunho da comunidade evangelizada e evangelizadora

O testemunho é elemento fundamental da ação pastoral. A prioridade do testemunho deriva coerentemente da centralidade da pessoa

²⁰ Cf. EN 19.

de Jesus Cristo na ação evangelizadora. Essa ação não nasce primariamente de necessidades humanas às quais se deva dar uma resposta, mas do encontro com um mistério pessoal de graça do qual é preciso dar testemunho; por isso, ela não se desdobra a partir do nada ou de uma carência, mas a partir da plenitude de amor que se irradia e do qual se participa. Por isso, no centro da ação evangelizadora está a presença testemunhal de uma comunidade que interpela as consciências com o próprio modo de viver e ali está não só um projeto pastoral ao redor do qual reunir forças mais ou menos homogêneas. Assume, então, um relevo particular a figura do evangelizador que é, antes de tudo, um discípulo crente e, depois, um apóstolo crível, justamente por já ser discípulo crente.

Evangelização e educação

Sente-se, na Família Salesiana, a exigência de repensar a relação entre evangelização e educação, superando a inércia repetitiva de fórmulas genéricas. O Capítulo Geral 26 dos Salesianos afirma: “Na tradição salesiana, exprimimos essa relação de diversos modos: por exemplo, ‘honestos cidadãos e bons cristãos’ ou ‘evangelizar educando e educar evangelizando’. Advertimos a exigência de continuar a reflexão sobre essa relação delicada. Entretanto estamos convencidos que a evangelização propõe à educação um modelo de humanidade plenamente realizada e que a educação, quando chega a tocar o coração dos jovens e desenvolve o sentido religioso da vida, favorece e acompanha o processo de evangelização”.²¹ O desenvolvimento deste trabalho encontra seu ponto de referência na clara afirmação do texto capitular, segundo o qual é preciso “salvaguardar ao mesmo tempo a integridade do anúncio e a gradualidade da proposta”,²² sem ceder à tentação de transformar a gradualidade dos caminhos pedagógicos em parcialidade seletiva da proposta ou na lentidão do anúncio explícito de Jesus Cristo, impossibilitando assim o encontro pessoal com o Senhor.

²¹ CG26 SDB n. 25.

²² Ibidem

Evangelização nos diversos contextos

A evangelização também exige que se dê atenção aos diversos contextos. A urgência de levar o anúncio do Senhor Ressuscitado induz-nos ao confronto com situações que ressoam em nós como apelo e preocupação: os povos ainda não evangelizados, o secularismo que ameaça terras de antiga tradição cristã, o fenômeno das migrações, as novas formas dramáticas de pobreza e violência, a difusão de movimentos e seitas. Cada contexto apresenta seus próprios desafios ao anúncio do evangelho. Sentimo-nos questionados também por algumas oportunidades, como o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural, a nova sensibilidade pela paz, pela tutela dos direitos humanos e pela conservação da criação, as muitas expressões de solidariedade e de voluntariado. Esses elementos, reconhecidos pelas Exortações Apostólicas dos pós-Sínodos continentais, comprometem-nos a encontrar novos caminhos de comunicação do evangelho de Jesus Cristo no respeito e na valorização das culturas locais.

Atenção à família

Deve-se reservar uma atenção particular à família, sujeito originário da educação e primeiro espaço da evangelização. A Igreja tomou consciência das graves dificuldades nas quais a família se encontra e adverte a necessidade de oferecer ajudas extraordinárias para sua formação, seu crescimento e o exercício responsável da sua missão educativa. Por isso, nós também somos chamados a fazer que a pastoral juvenil seja sempre mais aberta à pastoral familiar. Assim dizia o Papa Bento a nós, Salesianos, durante o Capítulo Geral 26: “É extremamente importante na educação dos jovens que a família seja sujeito ativo. Ela encontra-se muitas vezes em dificuldade ao enfrentar os desafios da educação; outras vezes é incapaz de dar a sua contribuição específica, ou então fica ausente. A predileção e o compromisso a favor dos jovens, que são características do carisma de Dom Bosco, devem traduzir-se num igual compromisso pelo envolvimento e formação das famílias. Portanto, a vossa pastoral juvenil deve abrir-se decididamente à pastoral familiar. Ocupar-se das famílias não é subtrair forças

ao trabalho pelos jovens, aliás, é torná-lo mais duradouro e eficaz”.²³

5.5. PROCESSOS QUE DEVEM SER ATIVADOS PARA A MUDANÇA

A fim de enfrentar as exigências da evangelização e realizar o repensamento da pastoral juvenil, é necessário converter mentalidades, modificar estruturas e ativar alguns processos de mudança. É preciso passar:

- de uma mentalidade que privilegia os papéis de gestão direta àquela que privilegia a presença evangelizadora entre os jovens;
- de uma evangelização feita de eventos sem continuidade a um itinerário sistemático e integral;
- de uma mentalidade individualista a um estilo comunitário que envolva jovens, famílias e leigos no anúncio de Jesus Cristo;
- de uma atitude de autossuficiência pastoral à participação nos projetos das igrejas locais;
- de uma consideração da eficácia da nossa presença quanto à estima dos outros à sua avaliação com relação à fidelidade ao evangelho;
- de uma atitude de superioridade cultural à acolhida positiva de culturas diferentes da nossa;
- de uma consideração da Família Salesiana apenas como oportunidade de encontro, conhecimento e troca de experiências, ao empenho para fazer dela um verdadeiro movimento apostólico em favor dos jovens.

Estou convencido de que, “para responder como discípulos do Senhor Jesus não temos alternativa senão a vida teologal, uma intensa vida permeada de fé, esperança e caridade, vivida em profundidade, e a radicalidade da vida evangélica, uma vida luminosa marcada pela obediência, pela pobreza e pela castidade. Eis a nossa profecia! Jesus nos instruiu e nos comunicou o seu Espírito para que pudéssemos ser sal da terra, luz do mundo, fermento na sociedade, chamados a iluminar e irradiar, a preservar e dar sabor, a desenvolver e transformar.

Isso tudo implica:

²³ BENTO XVI, *Discurso de Sua Santidade na Audiência aos Capitulares*, 31 de março de 2008; cf. CG26, p. 145.

- assumir com criatividade e entusiasmo a nova evangelização, até chegar à alma da cultura, especialmente dos jovens, nossos destinatários;
- recuperar a centralidade de Deus na vida pessoal e comunitária, garantindo uma elevada medida de vida espiritual na comunidade e tornando legível o testemunho comunitário da sequela de Cristo;
- apostar na criação de comunidades com genuíno espírito de família, ricas de valores humanos e entregues plenamente ao serviço dos jovens, sobretudo os mais pobres, carentes, marginalizados, até fazer delas casa e escola de comunhão;
- dar novo significado à presença salesiana entre os jovens, fazendo opções carismáticas que nos permitam compartilhar a vida com os jovens, criando uma nova modalidade de presença mais decididamente evangelizadora, estando onde pudermos ser mais fecundos em nível pastoral, espiritual e vocacional”.²⁴

6. PADRE MIGUEL RUA, DISCÍPULO E MISSIONÁRIO

Quem relê a história da Congregação Salesiana, a 150 anos da sua fundação e a 100 anos da morte do padre Rua, primeiro sucessor de Dom Bosco, não pode deixar de reconhecer que o nosso carisma nasceu da mesma missão da Igreja; o que nos impele é a paixão pastoral que Dom Bosco aprendeu à escola de Cafasso; numa palavra, somos enviados por Jesus a realizar o seu mesmo ministério e a sua mesma obra, mas com o rosto sorridente de Dom Bosco e a determinação do padre Rua.

6.1. “FIDELÍSSIMO”

Por isso, a esta altura não posso deixar de fazer um aceno ao padre Miguel Rua, modelo para nós do que, como Salesianos, significa ser discípulos e apóstolos de Jesus nos passos de Dom Bosco, do qual ele foi o primeiro sucessor.

Ele “foi o fidelíssimo, por isso o mais humilde e, ao mesmo tempo, o mais valoroso filho de Dom Bosco”. Com estas palavras Paulo VI, esculpiu para sempre a figura humana e espiritual do padre Rua, em

²⁴ Pascual Chávez Villanueva, *Sotto il soffio dello Spirito. Identità carismatica e passione apostolica. Corso di esercizi spirituali alle Capitolari FMA*, LDC Turim 2009, p. 17.

19 de outubro de 1972, dia da beatificação. O Papa, também naquela homilia²⁵ cadenciada sob a cúpula de São Pedro, delineou o novo Beato com palavras que definiram a sua característica fundamental: “Sucessor de Dom Bosco, isto é, continuador: filho, discípulo, imitador... Fez do exemplo do Santo uma escola, da sua vida uma história, da sua regra um espírito, da sua santidade um tipo, um modelo; fez da fonte uma corrente, um rio”. As palavras de Paulo VI elevavam este “frágil e consumido perfil de padre” a uma altura superior à vicissitude terrena; descobriam o diamante que brilhara na trama doce e humilde dos seus dias.

Começara num dia distante, com um gesto estranho. Oito anos, órfão de pai, com uma faixa preta na jaqueta, Miguel estendera a mão a Dom Bosco para receber uma medalhinha. Em vez da medalha, Dom Bosco oferecera-lhe a mão esquerda, enquanto com a direita fazia o gesto de cortá-la ao meio. E dizia: “Toma-a, Miguelzinho, toma-a”. E diante daqueles olhos atônitos, disse as palavras que seriam o segredo da sua vida: “Nós dois faremos tudo meio a meio”. Começou assim aquele formidável trabalho conjunto entre o Mestre santo e o discípulo que fazia meio a meio com ele, tudo e sempre. Miguel começava a assimilar a maneira de pensar e comportar-se de Dom Bosco. “Impressionava-me mais” – dirá mais tarde – “observar Dom Bosco em suas ações, mesmo pequenas, do que ler e meditar qualquer livro devoto.”²⁶

6.2. FIDELIDADE FECUNDA

Mais de um cardeal em Roma, à morte de Dom Bosco estava persuadido de que a Congregação Salesiana se dissolveria rapidamente; o padre Rua tinha 50 anos. Seria melhor enviar a Turim um Comissário pontifício que preparasse a união dos Salesianos com outra Congregação de tradição comprovada. “Com grande pressa” – testemunhou sob juramento o padre Barberis – “Dom Cagliero reuniu o Capítulo com alguns dos mais velhos e escreveu-se uma carta ao Santo Padre na qual todos os Superiores e os mais velhos declararam que todos, concordes, aceitariam o padre Rua como Superior, e não só se teriam submetido, mas o aceitariam com grande alegria... Em 11 de fevereiro

²⁵ Cf. AAS an. e vol. LXIV, 1972 n. 11, p. 713-718.

²⁶ A. AMADEI, *Il Servo di Dio Michele Rua*, vol. I, SEI Turim 1933, p. 30.

o Santo Padre confirmava e declarava o padre Rua no cargo por doze anos segundo as Constituições”.²⁷

O Papa Leão XIII conhecera o padre Rua e sabia que os Salesianos sob a sua direção haveriam de continuar a própria missão. E assim se deu. Os Salesianos e as obras salesianas multiplicaram-se como os pães e os peixes nas mãos de Jesus. Dom Bosco fundara 64 obras; o padre Rua elevou-as a 341. Os Salesianos, à morte de Dom Bosco, eram 700; com o padre Rua, em 22 anos de direção geral, chegaram a 4.000. As missões salesianas, que Dom Bosco começara com tenacidade, estenderam-se durante sua vida à Patagônia e à Terra do Fogo, ao Uruguai e ao Brasil; o padre Rua multiplicou o ardor missionário e os Salesianos missionários chegaram à Colômbia, ao Equador, ao México, à China, à Índia, ao Egito e a Moçambique.

Para que não diminuísse a fidelidade a Dom Bosco, o padre Rua não teve receio de viajar em todas as direções. A sua vida inteira foi constela\da de viagens. Ele alcançava os seus Salesianos onde quer que estivessem, falava-lhes de Dom Bosco, reavivava neles o seu espírito, informava-se paterna, mas cuidadosamente, da vida dos irmãos e das obras, e deixava diretrizes e conselhos para que florescesse a fidelidade a Dom Bosco.

6.3. FIDELIDADE DINÂMICA

Na mesma homília da beatificação, Paulo VI afirmou: “Meditemos um instante sobre o aspecto característico do padre Rua, aspecto que nolo faz entender... A prodigiosa fecundidade da Família Salesiana teve sua origem em Dom Bosco; no padre Rua, a continuidade. O seu seguidor serviu a Obra salesiana na sua virtualidade expansiva, desenvolveu-a com coerência fiel, mas sempre com novidade genial”.

Continua Paulo VI: “O que nos ensina o padre Rua? A sermos continuadores... A imitação do discípulo não é passividade, nem servidão... A educação é arte que orienta a expansão lógica, mas livre e original, das qualidades virtuais do discípulo... O padre Rua qualifica-se como o primeiro continuador do exemplo e da obra de Dom Bosco... Percebe-

²⁷ *Positio* 54-55.

mos ter diante de nós um atleta da atividade apostólica que age sempre nas pegadas de Dom Bosco, mas com dimensões próprias e crescentes... Nós damos glória ao Senhor, que quis dedicar esforço apostólico aos novos campos de trabalho pastoral que o impetuoso e desordenado desenvolvimento social abriu diante da civilização cristã”.

Ao ler, embora apenas rapidamente, a quantidade impressionante das cartas do padre Rua, das suas circulares, dos volumes que resumem a sua obra de Sucessor de Dom Bosco por 22 anos, descobre-se de maneira imponente ser verdade o que foi afirmado pelo Papa: a sua fidelidade à Dom Bosco não é estática, mas dinâmica. Ele percebe realmente o fluir do tempo e das necessidades da juventude e, sem temor, expande a obra salesiana a novos campos.

7. SUGESTÕES PARA A CONCRETIZAÇÃO DA ESTREIA

Depois deste aceno à figura do padre Rua, que tanto desenvolveu a Família Salesiana, eis agora alguns passos úteis a dar de modo que os grupos da Família Salesiana se empenhem em levar o Evangelho aos jovens. Isto é proposto a cada grupo da Família Salesiana, mas também aos Conselhos locais e inspetoriais da Família Salesiana.

7.1. Refletir nos Conselhos locais e inspetoriais da Família Salesiana sobre o modo de assumir o indicado na seção 5.4, ou seja, o modo de realizar o *repensamento da pastoral* de modo que se tornem operativas as opções quanto à centralidade da proposta de Jesus Cristo; ao testemunho pessoal e comunitário; à contribuição recíproca de educação e evangelização; à atenção à diversidade dos contextos; ao envolvimento das famílias.

7.2. Individualizar nos Conselhos locais e inspetoriais, a partir da “Carta da Missão da Família Salesiana”, as modalidades para fazer juntos algumas *experiências de evangelização dos jovens*, promovendo a “leitura espiritual e orante da Sagrada Escritura”, também entre eles e fazendo deles sempre mais evangelizadores de seus companheiros.

7.3. Suscitar a colaboração da Família Salesiana, em nível inspetorial e local, para realizar as *missões juvenis*, como forma atualizada de anúncio e catequese aos jovens, envolvendo os próprios jovens como evangelizadores dos jovens.

7.4. Valorizar as *Exortações Apostólicas* à conclusão dos Sínodos continentais, para individualizar as prioridades e as formas específicas do próprio contexto para a evangelização dos jovens. No caso da América Latina, aderir à “Missão continental” programada pela Assembleia dos Bispos realizada em Aparecida; no caso da Região África e Madagascar, seguir as orientações do Sínodo dos Bispos de outubro de 2009.

8. CONCLUSÃO

Como de costume, concluo a apresentação da Estreia com uma narração, que desta vez nos é oferecida pelo comentário feito pelo padre Joseph Grüner, Inspetor da Alemanha, ao quadro de “Dom Bosco manejador de marionetes”, pintado por Sieger Koeder, pároco emérito da Diocese de Rottenburg - Stuttgart e amigo dos Salesianos. Logo que vi o quadro, fiquei fascinado pela representação tão poderosa e densa do nosso querido fundador e pai.

Trata-se de um verdadeiro ícone de “Dom Bosco evangelizador, sinal do amor de Deus aos homens”. Como todos os ícones, a obra deve ser estudada e apreciada no conjunto, mas também nos detalhes. Espero que a sua contemplação estimule cada um de nós a ser evangelizador ardoroso dos jovens, convictos de que no evangelho nós lhes damos o presente mais precioso: Cristo, o único capaz de fazê-los entender o sentido da sua existência, de provocá-los a fazerem opções empenhativas de vida e a serem eles mesmos apóstolos dos jovens.

Dom Bosco evangelizador, sinal do amor de Deus aos jovens

Meditação sobre o quadro de Dom Bosco de Sieger Koeder

“Sede misericordiosos, como é misericordioso o vosso Pai” (Lc 6,36)

Poderia surpreender o modo de representar Dom Bosco como idealizado pelo artista-sacerdote Sieger Koeder. Não o representa segundo uma das muitas fotografias existentes, por exemplo, entre seus meninos, ou como “santo típico”, mas o quadro mostra Dom Bosco realmente como era e continua a ser, revela-nos o seu ser mais profundo. Assim, o quadro torna-se também uma belíssima ilustração

do que o nosso Pai descreveu, na carta de Roma de 1884, como centro do seu sistema preventivo.

Dom Bosco: manejador de marionetes que entusiasma

Ao lado direito, vemos Dom Bosco vestido com a batina, atrás de um véu escuro que lhe serve de cenário. Aos olhos dos espectadores, a sua figura fica escondida, mas eles podem ver as duas marionetes que ele segura erguidas. Sua face faz-nos perceber a concentração unida ao entusiasmo: ele sorri e, obviamente, está totalmente envolvido em sua ação. Parece agradar-lhe o entusiasmo dos espectadores.

Dom Bosco: educador rico de ideias

Ele sabe fascinar meninos, jovens, adultos, para conquistá-los com jogos e diversões, com métodos e meios simplicíssimos, servindo-se da palavra ou da imprensa, trabalhando por eles com criatividade e grande sensibilidade. Serve-se de tudo para conquistá-los àquela que considera a missão confiada a ele pela Providência. Ele o faz ao colocar no centro “a mensagem” da qual é apenas mediador e não protagonista.

Dom Bosco: catequista apaixonado

As duas marionetes nas mãos erguidas de Dom Bosco – a primeira a representar o pai, a outra, o filho nos braços do pai – são um símbolo do seu projeto de vida: fazer entender e experimentar aos jovens pobres e abandonados e às camadas populares o mistério do imenso amor de Deus e da Sua infinita misericórdia para com todos. A narração bíblica do pai misericordioso, que em seu coração jamais se esqueceu do filho pródigo, mas sempre esperou e desejou o seu retorno (cf. Lc 15,11-32), não é apenas o argumento da representação realizada com as marionetes, mas é um tema dominante de toda a vida de Dom Bosco. O quadro mostra o ponto culminante da narração bíblica: o pai misericordioso, vestido festivamente, abraça o filho pródigo que agora retornou, restituindo-lhe a dignidade e todos os direitos que tinha

anteriormente, e abrindo perspectivas novas para sua vida.

Dom Bosco: pai misericordioso

Dom Bosco não “atua” como pai, como o ator de um espetáculo, mas se torna tal e o é na realidade, tomando como modelo o pai da narração bíblica. Na parte inferior do quadro, ao lado direito da tela, Dom Bosco é representado no ato de proteger um dos seus meninos, que olha atentamente para Dom Bosco. O menino está pintado com a mesma cor azul da marionete que representa o filho pródigo; talvez simbolize o irmão mais velho da parábola, ainda não pronto e disposto a aceitar a misericórdia do pai. Pode ser, ainda, que represente os muitos jovens para os quais Dom Bosco ofereceu um espaço de proteção, no qual podiam experimentar segurança, caridade, amor afetivo e efetivo, em contraste com tudo o que deviam experimentar pelas ruas e prisões.

Dom Bosco com os seus jovens

Os destinatários de Dom Bosco são crianças e jovens, seguidores atentos daquilo que ele faz. Dom Bosco foi representado uma segunda vez ao lado esquerdo do quadro: entre eles e abraçando-os afetuosamente, como faz o pai misericordioso do espetáculo. Os jovens estão totalmente presos por aquilo que acontece no palco, escutando a mensagem e, ao mesmo tempo, experimentando o afeto: com Dom Bosco podem sentir-se à vontade, aceitos como são. A caridade de Dom Bosco é sensível e torna-se experiência convincente. É um amor de “pai, irmão e amigo”.

Dom Bosco: anunciador no mundo

O pintor localizou o evento a céu aberto, fora dos muros da cidade que se vê nos bastidores. Em seus tempos Dom Bosco foi ao centro da cidade de Turim, girando de um lado para o outro pelas ruas e praças, para buscar e encontrar meninos e jovens. Ele entrou no mundo deles, ia-lhes ao encontro colocando-se em certo sentido no nível deles, como descrito na carta de Roma. Lá era o lugar preferido para realizar a sua missão de pastor e evangelizador: acolher os jovens onde eles estão, mas abrindo os seus sentidos para “o alto” e encaminhando-os para

“o céu”. Dom Bosco é representado, por assim dizer, com os pés na terra, no mundo real, e com o olhar e as mãos para o céu; e ele jamais se esqueceu nem de uma nem do outro.

Dom Bosco: testemunha que convida

Na liturgia da ordenação sacerdotal, o Bispo convida o ordenando: “Vivas agora aquilo que anuncias!”. É o que Dom Bosco fez em toda a sua vida sacerdotal. Ele estava convencido do amor infinito e inabafável de Deus pelos homens, do amor de Deus que está mais pronto a perdoar e reconstruir quem é frágil do que punir. Dom Bosco era uma testemunha convincente com todo o seu ser e agir, no pátio e na oficina, na escola como na igreja: testemunho da misericórdia paterna do “bom Deus”, que jamais desespera do homem, mas o leva da separação e do isolamento ao retorno “à sua casa”.

O quadro de Koeder mostra-nos um homem a ser admirado, mas é, sobretudo, um convite que Dom Bosco nos faz: “Sede misericordiosos, como é misericordioso o vosso Pai”.

Caros irmãos, membros da Família Salesiana, amigos todos, como discípulos enamorados de Jesus, suas testemunhas e seus apóstolos convictos e alegres levemos os jovens a Cristo e levemos o Evangelho aos jovens.



P. Pascual Chávez Villanueva
Reitor-Mor